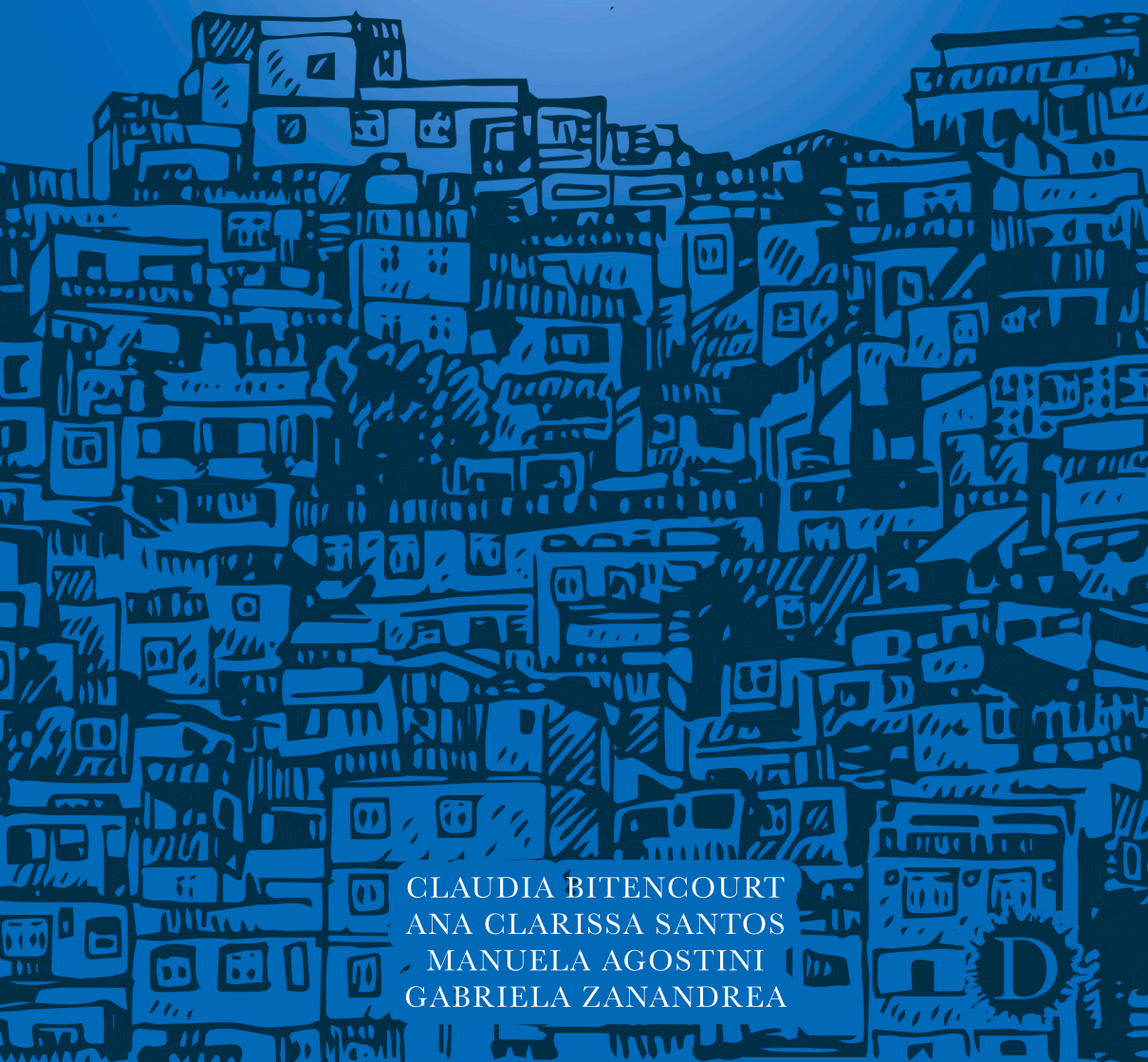


DESVENDANDO A INOVAÇÃO SOCIAL

CASOS DE ENSINO



CLAUDIA BITENCOURT
ANA CLARISSA SANTOS
MANUELA AGOSTINI
GABRIELA ZANANDREA

DESVENDANDO A
INOVAÇÃO SOCIAL
CASOS DE ENSINO





Editor

Cassiano Calegari

Conselho Editorial

Dra. Janaína Rigo Santin
Dr. Edison Alencar Casagrande
Dr. Sérgio Fernandes Aquino
Dra. Cecília Maria Pinto Pires
Dra. Ironita Policarpo Machado

Dra. Gizele Zanotto
Dr. Victor Machado Reis
Dr. Wilson Engelmann
Dr. Antonio Manuel de Almeida Pereira
Dr. Eduardo Borba Neves

Editora Deviant LTDA

Rua Clementina Rossi, 585.
Erechim-RS / CEP: 99704-094
www.editoradeviant.com.br



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Sertão, Sertão, Brasil



Claudia Bitencourt
Ana Clarissa Santos
Manuela Agostini
Gabriela Zanandrea
Orgs.

DESVENDANDO A
INOVAÇÃO SOCIAL
CASOS DE ENSINO



Editora Deviant
2022

Copyright © Editora Deviant LTDA

Categoria: Direito

Produção Editorial
Editora Deviant LTDA

Todos os Direitos Reservados

ISBN
978-65-89033-03-5

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

B624 Bitencourt, Claudia

Desvendando a Inovação Social Casos de Ensino / xxx -
Erechim: Deviant, 2022.

343 p. 23 cm.

ISBN: 978-65-89033-03-5

1. Sociologia e antropologia. I. Título.

CDD 301

Caso 1

CONEXUS - CONEXÃO SOCIAL: UM AMBIENTE PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROFISSIONAL DE JOVENS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Marcelo Ferreira de Souza

Ana Clarissa Matte Zanardo dos Santos

Marilaine Quadros Becker de Souza

Irmã Pierina Lorenzoni

1 A COMUNIDADE: COMO TUDO COMEÇOU, DA LENDA A FATOS VIVIDOS

Meu nome é Francisco, mas aqui todos me conhecem por Chico da Quitanda. Sou pai de sete filhos, avô de cinco guris e quatro gurias, filho da dona Rosa e do seu Antônio da Quitanda e neto do lendário contador de estórias, o seu Adamastor, o fundador da Quitanda da rua 15. Aqui na vila, dizem que meu avô foi uns dos primeiros moradores desta região que é chamada Vila Maria da Conceição, uma comunidade situada no alto de um morro na zona leste da minha linda Porto Alegre.

Como um bom contador de estórias, meu avô contava, o que para mim sempre soou como uma lenda, que a vila cresceu em torno de um local onde, em 1899,

ocorreu um crime hediondo. Uma jovem imigrante alemã, Maria Francelina Ternes, foi degolada por seu amante, o soldado da brigada militar Bruno Bicudo. A vila, por muito tempo ficou conhecida como “Maria Degolada”. Apesar de algumas versões da história apontarem que Maria Francelina era prostituta, a comunidade a transformou em santa, ergueu uma gruta em sua homenagem e atribui a ela inúmeras graças atendidas. Acredite se quiser!

Meu avô era muito engraçado e contava cada história que era difícil de acreditar. Uma delas, com certeza, era verdade, até porque meu pai a viveu na pele. Eles me contaram que a nossa Vila Maria da Conceição começou a ser povoada em meados de 1940, fruto do processo de modernização e higienização da zona central de Porto Alegre. Este triste episódio se deu com a expulsão de uma dezena de famílias que lá moravam e que foram jogadas para bairros mais afastados. Foi assim que meu avô, sozinho com seus cinco filhos pequenos, veio parar aqui. Um morro que na época só era mato e que só dava para chegar a pé, por trilhas ou a cavalo.

Mas não é só de histórias tristes que vivemos! Tem uma linda história, muito real: a de Nely Capuzzo, uma Irmã da Congregação Missionárias de Jesus Crucificado, que dedicou a sua vida às crianças da comunidade na Vila Maria da Conceição. A irmã Nely chegou muito jovem a Porto Alegre e iniciou um trabalho de catequização com crianças da Doca das Frutas - aquela região do centro da cidade que teve suas famílias, dentre elas, a do meu avô, removidas a jatos de mangueira para a vila Maria Degolada. Nessa ocasião, a Irmã Nely subiu o morro com suas crianças e lá continuou o trabalho, primeiramente sob as árvores e, depois, em um galpão de madeira construído pela comunidade, onde hoje é a Instituição Pequena Casa da Criança.

2 A INSTITUIÇÃO PEQUENA CASA DA CRIANÇA CONTADA POR ELA MESMA

Desde 15 de agosto de 1956, quando foi fundada, a Pequena Casa, como é carinhosamente chamada, atua com base na doutrina e nos princípios cristãos e prioriza a ação preventiva dirigida a crianças, jovens, famílias e idosos. É uma insti-

tuição não governamental, sem fins lucrativos, filantrópica, educacional e de assistência social. Desde 2002, a pequena Casa é dirigida pela Irmã Pierina Lorenzoni. Com 65 anos de serviços gratuitos, completados em 2021, essa instituição financia seus programas com recursos próprios, através de parcerias com o município e contribuições provenientes de pessoas físicas e jurídicas. Na foto 1 é possível identificar a estrutura da Pequena Casa da Criança.

Figura 1 - Foto da região e da Pequena Casa da Criança



Fonte: Site da Pequena Casa da Criança ([www. https://pequenacasa.org.br/](http://www.https://pequenacasa.org.br/))

O trabalho desenvolvido na Pequena Casa é reconhecido pela excelência, sendo realizadas ações de educação, profissionalização, mobilização comunitária e de assistência social junto a uma população em situação de extrema vulnerabilidade social. Ao longo de sua história, foi premiada por diversos segmentos da sociedade, sendo, inclusive, em 2017, reconhecida como uma das 100 melhores ONGs para se doar, recebendo o Selo Doar e o Prêmio de Responsabilidade Social RS 2017, em nível estadual. Esta premiação é promovida pelo Instituto Doar e pela Revista Época.

Além de atender às necessidades peculiares de crianças e idosos, a Pequena Casa tem ações direcionadas para os jovens da comunidade. Dentre elas, está a promoção de uma educação profissionalizante e de cursos livres de capacitação profissional, a fim de orientar os jovens para a melhoria da qualidade de vida. Este

é um grande desafio para que estes jovens possam se inserir no mercado de trabalho e construir uma trajetória que mude a sua vida, de sua família e da comunidade, minimizando as desigualdades sociais e abrindo novas possibilidades para a superação da vulnerabilidade social com empreendedorismo e autonomia sustentável.

Se isso não fosse tão presente e marcante, certamente, poderia ser mais uma estória, mais uma lenda contada pelo seu Adamastor. Fico aqui me perguntando: Como pode tudo isso ser real? Como todas essas maravilhas aconteceram nesses 65 anos? Para mim, a resposta está nas pessoas que acreditam no poder da transformação. E, você, o que acha?

3 ANTES ERA SÓ MATO, MAS AGORA A VILA MARIA DA CONCEIÇÃO ESTÁ ASSIM...

Como eu já tinha dito, a comunidade Vila Maria da Conceição está localizada na zona leste de Porto Alegre, mais exatamente no Partenon, bairro que possui cerca de 120.000 habitantes e uma realidade de extrema vulnerabilidade social, em que 13,31% das famílias possuem renda per capita de meio salário-mínimo e 37,48% declararam receber até um salário-mínimo. Além da condição econômica, é uma realidade de violência, tráfico de drogas e interiorização de outras vulnerabilidades que envolvem o cotidiano dos jovens. Infelizmente, segundo o último Relatório da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) de 2018, em Leituras dos Territórios das Regiões de Assistência Social, os dados mostram que 36,26% é o percentual de morte por homicídio de jovens do sexo masculino de 15 a 29 anos.

É triste, mas basta dar um “Google” para perceber o que se fala sobre a Vila Maria da Conceição: que é um território de tráfico de drogas, que as famílias vivem diariamente sob fogo cruzado, que vivemos em meio a guerras entre as facções do tráfico, que há violência policial nas ruas e que nossas casas são frequentemente invadidas por policiais e traficantes. E, para piorar, os dados mostram que o genocídio da população jovem e negra tem nome e endereço: muitas vezes são parentes e amigos. Uma cruel realidade que só faz proliferar as mães de criação, tias, avós, ou até mesmo vizinhas ou amigas que assumem as crianças cujos pais morreram ou estão presos. Esta é uma das razões pelas quais muitas vezes as mulheres criam

seus filhos sozinhas e, também, porque meu avô criou meu pai e meus outros quatro tios sozinho, há mais de seis décadas. Ou seja, uma tragédia de longa data que a cada dia só piora.

Mas temos um outro lado. Os jornais também mostram que a Vila Maria da Conceição é uma comunidade sensível, criativa, solidária, alegre e que guarda consigo parte da identidade negra do Rio Grande do Sul. Essa identidade pode ser facilmente vista por meio da religiosidade e da música. Os nossos tambores são a marca do morro. A qualquer hora do dia ou da noite batem tambores na Conceição, seja nos ensaios da Academia Samba Puro ou da Academia de Samba Realeza, seja nas casas de religião de Matriz Africana, no Bar do Ricardo ou no samba de beco.

Nas ruas ou em casa, as crianças aprendem a percussão batucando em baldes e caixas, misturando samba com *funk*, enquanto a velha guarda traz as lembranças de um tempo que não volta mais, do velho samba de raiz afrogaúcha movido a tambor de sopapo. Sem contar o trabalho da Pequena Casa, que capacita mais de 130 crianças e adolescentes de 12 a 17 anos, proporcionando a eles inserção cidadã e a convivência social, o exercício intra e inter-relacional, os valores e os direitos humanos, culturais, comunitários, políticos, ambientais, socioassistenciais e a cultura da paz. Oferece aulas de violino, violoncelo, viola, flauta, percussão, violão, teclado e voz.

Vocês podem perceber que aqui na Conceição temos os dois lados da mesma moeda, mas acreditamos que no fundo, no fundo, o lado bom sempre vencerá e que nunca devemos deixar de lutar por nossos ideais, por nossas ancestralidades, por nossas culturas e principalmente pelos nossos jovens. Os jovens que serão o futuro da Vila Maria da Conceição, o futuro de Porto Alegre, o futuro do Brasil e o futuro do Mundo. Foi assim, pensando nos jovens como futuro, que comecei a refletir como eu poderia mudar essa realidade cruel, desigual e cheia de preconceito e mágoas. Uma realidade sem visão de futuro, sem expectativas de uma vida melhor, sem dignidade e, resumindo, sem emprego.

Na verdade, eu só tinha uma certeza, que eu ia fazer acontecer. Mas, ao mesmo tempo, as perguntas borbulhavam em minha cabeça. Tipo: O que fazer? Como fazer? Com quem fazer? Por onde começar? Com que dinheiro? As coisas só ficavam martelando na minha cabeça. Eu precisava de ajuda e tinha que ser rápido.

Num certo dia, Dona Carolina apareceu na Quitanda. Ela queria comprar algumas frutas para levar para a Pequena Casa oferecer como sobremesa naquele dia. Vocês sabem quem ela é? A pessoa que cuida de todos os projetos da Pequena Casa e, é claro, eu não perderia aquela oportunidade! Ela era a pessoa certa para ouvir e me ajudar. Dona Carolina, senta que lá vem história...

4 APROXIMANDO OS MUNDOS: IDEALIZANDO UM PROJETO DE EMPREGABILIDADE PARA OS JOVENS DA COMUNIDADE

Coitada da Dona Carolina! Ficou quase uma hora segurando quatro sacolas com frutas e me escutando sem parar. Como eu disse, não podia perder a oportunidade de expressar em palavras todos os meus sonhos, todo o desejo que tenho em um dia poder ver nossos jovens trabalhando e, conseqüentemente, ajudando seus pais em casa e tendo melhores expectativas e um futuro melhor.

Por outro lado, Dona Carolina, muito atenciosa e prestativa, me ouviu e prometeu levar a ideia para a Instituição. Em resumo, o meu sonho era que a Instituição pudesse ter alguma outra ferramenta ou projeto que fosse além do Programa Jovem Aprendiz, projeto que já promove para os nossos jovens de 14 a 24 anos. Hoje, o Programa promove a formação profissional e a geração de renda para 45 jovens da nossa comunidade, contribuindo com o seu primeiro emprego e com o seu desenvolvimento profissional e pessoal. Porém, apesar dessa bela iniciativa, sabemos que outros quase 500 jovens estão na fila de espera e muito provavelmente não terão esta oportunidade.

A ideia era simples, mas qualquer que fosse o projeto, sabia da sua complexidade e que precisava ser assertivo. A Pequena Casa precisaria buscar parceiros externos que pudessem tirar os sonhos da minha cabeça e que já estavam materializados no radar da Dona Carolina. Até que o mundo conspirou, uma possível solução se aproximava. Um sonhador estudante de Mestrado chegava na Pequena Casa com o mesmo ideal: ajudar quem precisa e usar o poder acadêmico e a força da Universidade e dos professores para começar esta transformação social.

Então, apresento o Matheus. Este sonhador estudante que não mediria esforços para fazer acontecer. Em um belo dia de primavera, Matheus bateu na porta da Pequena Casa, por indicação de um professor da sua Universidade, com um edital embaixo dos braços, intitulado “Chamada CNPq/MCTIC/MDS nº. 36/2018 - Tecnologia Social”. Era um edital apresentado em conjunto por três instituições federais: o *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* – CNPq, o *Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações* – MCTIC, por intermédio da *Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento* – SEPED, e o *Ministério do Desenvolvimento Social* – MDS, por intermédio da *Secretaria de Inclusão Social e Produtiva* – SISP.

A Chamada era destinada a quem quisesse apresentar propostas que apoiassem projetos que promovessem o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social do País por meio de Tecnologias Sociais. Era necessário, também, que as propostas estivessem alinhadas às metas dos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS) da *Organização das Nações Unidas* (ONU), com a *Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação* (ENCTI) e com o *Plano Progridir*, contribuindo para o alcance das metas da Agenda 2030.

O objetivo desse edital era apoiar projetos de desenvolvimento, reaplicação, aperfeiçoamento e avaliação de Tecnologias Sociais que promovessem geração de renda, inclusão no mundo do trabalho e autonomia econômica das famílias inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e que atendessem aos requisitos de simplicidade, fácil aplicabilidade, reapplicabilidade, efetivo impacto e repercussão social. Aqui, vale lembrar que, para fins desta Chamada, Tecnologia Social era entendida como “produtos, técnicas e/ou metodologias reapplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social” (RTS).

A Reaplicação pode ser entendida como adequação sociotécnica do produto tecnológico, incluindo o entorno sociocultural e econômico da sociedade. E que os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS) fazem parte de um Protocolo Internacional da Assembleia Geral da *Organização das Nações Unidas* (ONU) em relação ao qual o Brasil assumiu o compromisso de implementar a *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*.

Depois que Matheus apresentou os inúmeros detalhes do edital, Dona Carolina comentou sobre os sonhos que ora ouvira do seu Chico e que, de fato, encaixava-se perfeitamente com tudo o que estava sendo conversado e com o que o edital se propusera a apoiar. Bingo! Não deu outra, estava claro que ali começaria algo interessante e que ambos iriam fazer de tudo para acontecer: Dona Carolina dentro da Pequena Casa, e Matheus levando essa ideia para a Universidade. Bingo de novo!

Com uma equipe qualificada que contava com a Dona Carolina, o Matheus, alguns professores e uma técnico administrativo da universidade, foi possível pensar a sistematização das minhas ideias iniciais e transformar em um projeto que de fato contribuísse para gerar impacto social positivo e que pudesse promover a empregabilidade dos jovens da comunidade. E o melhor: o projeto até poderia ser replicado para outras comunidades em vulnerabilidade social. Assim foi, assim começou a nascer o projeto CONEXUS.

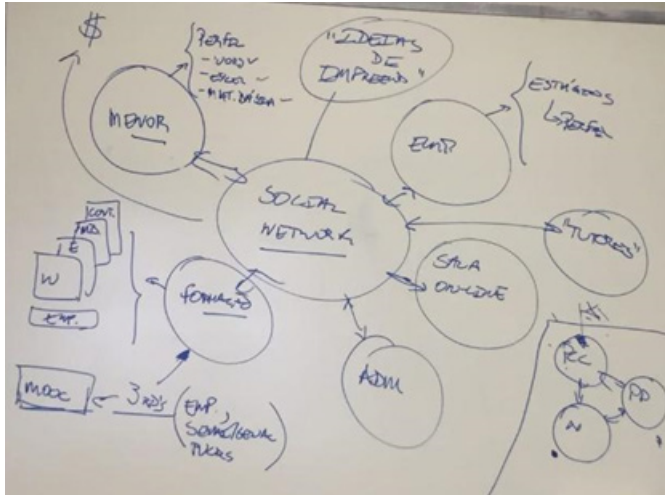
5 O PROJETO CONEXUS - UM AMBIENTE PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROFISSIONAL DE JOVENS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Meu ideal começava a se concretizar: passou do sonho para o papel e, com o apoio de tantas pessoas, poderia se tornar realidade. Mas eu também sei que o caminho estava apenas começando e que tinha muito trabalho para ser feito! O mestrando, os professores e uma colaboradora da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) especializada em projetos teriam que desenvolver todo o projeto, submeter para o CNPq e ainda torcer para que fosse aprovado.

Não foi fácil! Reuniões foram feitas, muitas ideias foram expostas, mas foi uma que de fato comoveu. Um dos nossos professores convidados para o projeto, que inclusive é da área de tecnologia, deu a ideia de desenvolver uma plataforma computacional que pudesse promover a empregabilidade desses jovens e que, ao mesmo tempo, pudesse facilitar o contato deles com as empresas, que promovesse

curso e espaços para o compartilhamento de ideias de empreendedorismo. O desenho começava a ser feito.

Figura 1: Primeiro Esboço do Projeto CONEXUS



Fonte: Equipe do projeto (2018)

A ideia foi levada à Pequena Casa e várias sugestões foram incorporadas. Estavam todos alinhados, o *start* seria dado e a sorte seria lançada. O projeto seria escrito e na sequência seria submetido ao CNPq. Matheus, com a ajuda de todos os envolvidos, começou a colocar tudo no papel, o projeto estava nascendo. Foram vários dias de dedicação, com idas e vindas entre os envolvidos e o projeto, enfim, ficou pronto. Tinha chegado a hora de submeter e torcer. E assim foi feito! O projeto intitulado *CONEXUS – Conexão Social: Um ambiente para promover o desenvolvimento humano e profissional de jovens em vulnerabilidade social* tinha sido entregue. Mas tenho certeza de que vocês estão curiosos para conhecer qual é a proposta do CONEXUS, não é mesmo?

O projeto CONEXUS foi caracterizado como Desenvolvimento de Tecnologia Social, com o intuito de alavancar a geração de renda, a inclusão no mercado de trabalho e aumentar a autonomia econômica das famílias inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal. Foi criado para servir de apoio ao atendimento das demandas sociais no que diz respeito à formação complemen-

tar, ao estímulo ao empreendedorismo social e a maior integração entre empresas e jovens em busca de oportunidades.

O principal objetivo do projeto foi desenvolver um ambiente computacional que estimulasse e ampliasse o acesso dos jovens em vulnerabilidade social ao mercado de trabalho, proporcionando melhores condições de emprego e renda. Assim como: (i) criar oportunidades de aprendizagem para jovens com baixa formação profissional e educacional; (ii) proporcionar a integração entre empresas e jovens na busca do primeiro emprego ou recolocação no mercado de trabalho; (iii) oportunizar qualificação profissional e capacitação técnica para jovens em situação de desemprego; e (iv) promover a inclusão social e o crescimento profissional dos jovens em situação de vulnerabilidade social.

Figura 2: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Adaptado pelos Autores a partir de Nações Unidas Brasil (2018)

É importante dizer que o projeto estava alinhado com 3 (três) dos 17 (dezessete) Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que fazem parte de um Protocolo Internacional da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) no qual o Brasil também assumiu, juntamente com todas as instituições brasileiras, o compromisso de implementar a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

O quadro 1 apresenta os objetivos escolhidos pelo grupo.

Quadro1. ODSs Escolhidos no Projeto

	ODS	Descrição do ODS	Desafios escolhidos
ODS Principal	4 - Educação de qualidade	Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos	4.4 Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo 4.5 Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade
	8 - Trabalho decente e crescimento econômico	Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos	8.6 Até 2020, reduzir substancialmente a proporção de jovens sem emprego, educação ou formação
ODSs Secundários	10 - Redução das desigualdades	Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles	10.2 Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra

Fonte: Adaptado pelos Autores a partir de Nações Unidas Brasil (2018)

Ao definir os ODSs que seriam contemplados no projeto, foram analisados aqueles que tratavam da promoção de uma educação de qualidade que garantisse aos jovens em situação de vulnerabilidade o acesso ao emprego, impactando a redução das desigualdades. Com o objetivo de atendê-los, o CONEXUS foi composto por oito módulos. A Figura 1 ilustra os principais módulos e suas conexões.

O módulo que contém a inteligência de operação do sistema CONEXUS é denominado **Conexus Engine**. Ele é o responsável por implementar a lógica de negócio que corresponde à ligação entre as demandas e ofertas que estão na plataforma, garantindo a conexão e a interface entre os diferentes módulos que

fazem parte do ambiente. Futuramente, a *Conexus Engine* poderá ser configurada de acordo com as necessidades de cada comunidade e instituição parceira. Dessa forma, cada comunidade poderá ter a sua *Conexus Engine*, transformando o ambiente *Conexus* único para aquela comunidade.

No **Módulo Jovem**, são inseridas todas as informações de cada estudante no sistema *Conexus*. Ele contém o perfil do estudante e as informações das suas competências, interesses e habilidades, caracterizando-se como uma espécie de currículo. A cada novo certificado que o estudante obtém, é possível fazer o *upload* do documento e as informações são inseridas no perfil. Caso o certificado tenha sido obtido através do módulo Formação do *Conexus*, este processo será realizado automaticamente. Os currículos dos jovens ficam disponíveis no **Módulo Banco de Currículos**.

Figura 3: Módulos do CONEXUS



Fonte: Elaborada pelos Autores (2020)

O **Módulo Empresas** contém as informações das empresas parceiras que estão ofertando vagas de estágios e de menores aprendizes (**Módulo Banco de Vagas**), formando um ecossistema de empresas. A partir do momento que a empresa cadastra uma oportunidade na *Conexus*, o módulo *Conexus Engine* busca no seu banco de estudantes aqueles que atendem os requisitos da vaga oferecida e

disponibiliza no perfil do estudante a oportunidade. Caso o estudante demonstre interesse na vaga, o seu CV, disponível na plataforma Conexus, é enviado para análise da empresa. O processo de entrevista com os potenciais candidatos à vaga poderá ser realizado via **Módulo Entrevistas Online**, pois isto resolverá o problema dos custos de deslocamento que o estudante teria caso a entrevista fosse na sede da empresa. É importante ressaltar que estes custos são o grande motivo de não comparecimento a entrevistas de potenciais candidatos a vagas de estágio. A empresa poderá utilizar o módulo Sala *Online* para dar o *feedback* ao candidato não selecionado. Esta etapa é muito importante porque na grande parte dos casos, os jovens não sabem o porquê de não serem selecionados e acabam desistindo do emprego formal, caindo na informalidade.

Caso o jovem não seja selecionado, ele pode completar a sua formação no **Módulo Formação** para estar preparado para uma próxima oportunidade. Esse módulo contém o conjunto de MOOCs (*Massive Open Online Course*) que estão disponíveis no Conexus para que os jovens possam complementar a sua formação. Os cursos previstos inicialmente são: (i) matemática básica, (ii) português básico, (iii) redação, (iv) informática básica, utilizando processador de texto, planilha eletrônica básica, introdução à criação/edição e exibição de apresentações gráficas e (v) inglês para iniciantes. Ao concluir o curso escolhido, o jovem realizará uma avaliação *online* na plataforma Conexus e, caso seja aprovado, receberá um certificado digital. Durante a realização do curso, o jovem tem acesso à tutoria *online* para resolver suas dúvidas. Além disso, em parceria com a Pequena Casa, o jovem poderá optar por realizar uma monitoria presencial para a solução de dúvidas. Os MOOCs serão disponibilizados no Conexus pelas empresas parceiras e voluntários da Pequena Casa da Criança.

O Conexus também apoia e estimula o desenvolvimento de ideias empreendedoras. O **Módulo Ideias de Empreendedorismo** tem a função de coletar as ideias e propostas de empreendedorismo oriundas da comunidade e, principalmente, dos jovens cadastrados. A partir do momento que alguém da comunidade tem uma ideia de um negócio, mas não sabe como dar continuidade, ele pode cadastrá-la neste módulo do Conexus. A partir do cadastro, a ideia é encaminhada a um grupo de Mentores voluntários cadastrados que a avaliam e dão *feedback* aos futuros empreendedores, de forma off-line ou *online* através do **Módulo Sala**

Online (ferramenta de teleconferência ou chat para que os usuários do Conexus possam realizar reuniões virtuais). De acordo com o *feedback*, os futuros empreendedores poderão realizar formação complementar através do módulo Formação.

No **Módulo Mentores**, são cadastrados os mentores voluntários dispostos a auxiliar os jovens das comunidades a empreender. A partir das ideias e propostas cadastradas no módulo Ideias de Empreendedorismo, a Conexus busca na lista de mentores aqueles que tenham o perfil mais próximo do negócio que está sendo proposto e faz a conexão entre os mentores e os jovens empreendedores. O **Módulo Administrativo ou Dashboard** contém as funções administrativas responsáveis pelo gerenciamento e manutenção do ambiente Conexus.

Resumindo, o Conexus é uma plataforma que disponibiliza, em um único ambiente, a possibilidade de os jovens cadastrarem seus currículos e as empresas cadastrarem as suas vagas, permitindo que os contatos e as entrevistas sejam realizados de forma *online*. Caso ainda não tenham a capacitação exigida nas vagas disponibilizadas, os jovens podem fazer cursos de formação através de aulas ao vivo ou gravadas. Ainda, é um espaço para os jovens exporem suas ideias de empreendedorismo e contarem com a ajuda de professores e alunos da Universidade para concretizarem seus sonhos. Enfim, o Conexus é o espaço dedicado para que os jovens da comunidade possam se desenvolver pessoal e profissionalmente.

6 A APROVAÇÃO DO PROJETO PELO CNPQ: CHEGOU A HORA DE DAR VIDA AO SONHO

Foi com muita alegria que eu, o velho Chico da Quitanda, recebi a notícia de que o projeto havia sido aprovado. Tinha chegado a hora de dar vida ao meu sonho, ou melhor, ao sonho de milhares de famílias e jovens que vivem em dificuldades e nas mais diversas situações de vulnerabilidade. Os nossos jovens teriam mais uma oportunidade de almejar o seu tão sonhado emprego. A sua empregabilidade poderia ser mais bem gerida e desenvolvida. Uma nova janela estava se abrindo, o mundo poderia ser aberto através da tecnologia, de uma tecnologia social criada junto da comunidade. O mundo acadêmico e social estavam se abraçando. Um mundo mais justo se aproximava.

Era a hora de colocar a mão na massa. Tudo aquilo que tínhamos idealizado precisava virar um produto. Os recursos foram recebidos, as bolsas de estudos solicitadas no projeto foram distribuídas, incluindo os três jovens da comunidade que foram contemplados e que fariam parte do projeto e a empresa de tecnologia foi contratada. O trabalho começou. Para compreender ainda melhor as necessidades e percepções dos jovens, um aluno de mestrado realizou sua pesquisa, entrevistando os jovens e os profissionais que trabalhavam com eles na Pequena Casa, preparando-os para o mercado de trabalho. Depois de todo o trabalho junto aos jovens e com a equipe técnica, finalmente, após quase 18 meses de desenvolvimento, o CONEXUS estava pronto, hospedado na nuvem. O acesso ao sistema poderia ser realizado a partir de qualquer dispositivo, não existindo restrição quanto à sua capacidade de processamento ou memória.

Figura 4: Logomarca do CONEXUS



Fonte: Elaborada pelos Autores (2020)

Agora é só acessar o endereço web (www.conexus.net.br) e realizar a autenticação através de usuário e senha. Caso o usuário não seja cadastrado no CONEXUS, ele deverá realizar o cadastro através do formulário *online* que estará disponível no site web.

A Pequena Casa era o ponto focal para todos os integrantes da comunidade que não tivessem possibilidade de acessar o CONEXUS através de outros meios de acesso, como telefone celular. A Casa possui um laboratório de informática que pode ser utilizado pelos membros da comunidade e possui cobertura de rede wi-fi. Assim, o sistema poderia ser acessado pelo telefone celular, utilizando a rede wi-fi da instituição ou o próprio pacote de dados do jovem, além dos computadores do laboratório de informática. Dito de outra forma, não havia dificuldade para acessar o sistema e fazer o cadastro dos currículos e das ideias de empreendedorismo. Enfim, tudo estava pronto para iniciar o projeto piloto. Os testes do sistema com

o cadastro dos dados dos jovens já estavam prestes a começar, mas foi neste momento que o mundo foi surpreendido. Chegou a pandemia da COVID-19 e tudo parou. A Pequena Casa teve que fechar suas portas, os jovens não podiam acessar a Instituição, a Universidade fechou suas portas, a comunidade teve que entrar em isolamento social e o Conexus teve que cancelar todas as suas atividades previstas. O sonho do velho Chico teve que esperar.

7 DESAFIO

Neste caso, nós convidamos professores e alunos a refletirem sobre uma história que traz o desenvolvimento de um projeto de inovação social a partir de uma tecnologia social destinada a jovens e a comunidades com vulnerabilidades sociais. Trata-se de um projeto que fala sobre empregabilidade, tecnologia computacional e ambientes virtuais de aprendizagem, procurando aproximar as realidades dos alunos com a dos jovens impactados pelo projeto, independente da distância que possa existir. Reflitam sobre a importância do bem comum, da igualdade para todos e dos direitos fundamentais, aqueles expressos na Constituição Brasileira e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lembrem-se de que os Direitos Humanos são tudo o que um ser humano deve ter ou ser capaz de fazer para sobreviver, prosperar e alcançar todo o seu potencial. Todos os direitos são igualmente importantes e estão conectados entre si. É o que diz a Declaração Universal dos Direitos Humanos quando reconhece os direitos humanos como um pré-requisito para a paz, a justiça e a democracia. Mas, principalmente, quando diz: “As crianças e os adolescentes têm todos os direitos humanos, não porque são “o futuro”, mas porque são seres humanos. Hoje”. Portanto, o caso convida para uma reflexão que possa contribuir para a formação de pessoas mais disruptivas, proativas, questionadoras, socialmente justas e compreensivas. Para que um mundo mais justo e melhor para todos possa ser possível!

NOTAS DE ENSINO

1. RESUMO DO CASO

O caso apresenta a história de uma comunidade carente, que, na década de 1940, fruto de um processo de modernização e “higienização” realizado pelo estado, expulsou famílias pobres da zona central de Porto Alegre, para bairros mais afastados, onde até então eram despovoados e inabitáveis. Hoje, oito décadas depois, a comunidade, que é conhecida como Vila Maria da Conceição, conta com mais de 180 mil moradores e que, mesmo depois de tanto tempo, ainda apresenta um quadro de extrema vulnerabilidade social. É nesse cenário atual que a história se desenrola, é nele que nasce o Conexus, um projeto de tecnologia social desenvolvido para melhorar a empregabilidade de jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social na comunidade. Esse cenário apresenta índices altíssimos de desemprego, na sua população de forma geral, mas sendo os jovens os mais impactados. O projeto Conexus inicia sua ideação em 2018 pela iniciativa de um estudante e sua professora, em conjunto com outros atores da Universidade e da Instituição Pequena Casa da Criança, além de alguns jovens da própria comunidade. A partir da divulgação de um edital de Tecnologia Social do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC (por intermédio da Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento – SEPED), e do Ministério do Desenvolvimento Social – MDS (por intermédio da Secretaria de Inclusão Social e Produtiva – SISP), o projeto começou a tomar forma.

O caso relata como foi desenvolvido o projeto, da sua idealização à sua finalização técnica, assim também como o seu estágio em 2021. Devido à pandemia da COVID-19, a implementação do projeto junto à comunidade foi adiada, não estando, ainda, disponível para utilização pelos jovens. Portanto, é diante desse contexto que este caso de ensino pretende promover nos alunos a reflexão e o surgimento de ideias criativas e disruptivas que possam solucionar problemas. O

desafio é pensar nas diferentes etapas de desenvolvimento de uma inovação social, identificando melhores práticas de implementação e continuidade.

2. OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

a) Refletir sobre as etapas de desenvolvimento da inovação social, caracterizando-as no caso estudado.

b) Identificar os diferentes atores envolvidos, compreendendo como os objetivos de cada um deles se complementam.

c) Refletir sobre como a tecnologia social pode ser uma forma de escalar as inovações sociais.

3. PÚBLICO-ALVO

Este caso é destinado aos níveis de graduação e de pós-graduação *Lato Sensu*.

4. QUESTÕES PARA DISCUSSÃO:

Diante da história do velho Chico, alguns pontos podem ser discutidos quando pensamos no processo de implantação de uma inovação social. A partir do relato, discutir sobre os seguintes questionamentos:

a) Quais etapas do processo de implantação já foram desenvolvidas neste projeto?

b) Que atores estão envolvidos nesta inovação social?

c) Como integrar os diferentes atores e contar com a colaboração de todos?

d) Qual é o papel e o ganho de cada ator quando participam do projeto?

e) Como manter um grupo de mentores voluntários que possam auxiliar os jovens no desenvolvimento de suas ideias?

- f) Como manter o banco de cursos de formação atualizado para atender às demandas das empresas e dos jovens?
- g) Qual é o papel da tecnologia social no processo de uma inovação social?
- h) Finalmente, propomos uma reflexão diante da situação de crise imposta pela COVID-19. Para estas questões, ainda não temos respostas, mas elas podem ser discutidas para a busca de soluções viáveis.
- i) Como fazer o Conexus acontecer em meio a esse cenário?
- j) Quais são as alternativas que temos para contornar esse desafio?

5. SUBSÍDIOS PARA O DEBATE

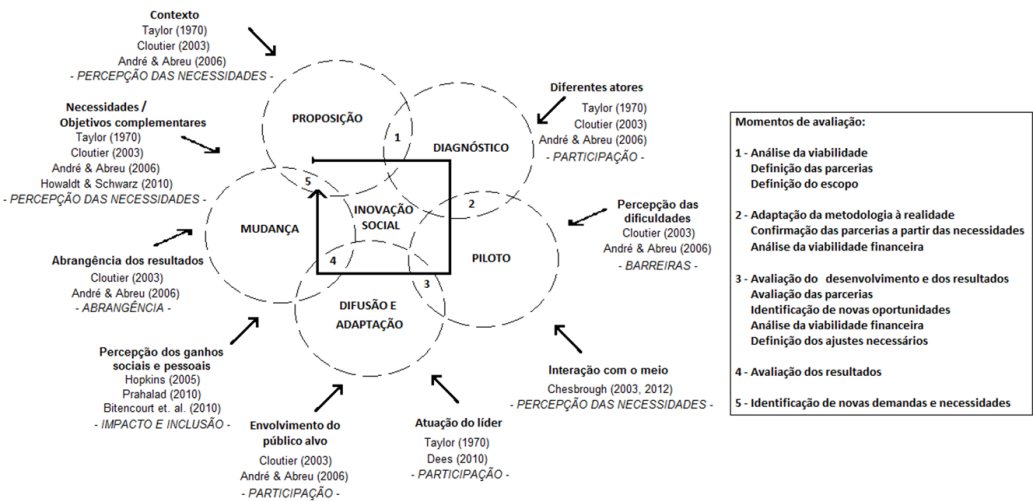
5.1 ETAPAS DO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DE UMA INOVAÇÃO SOCIAL

Segundo Santos (2012), o processo de implantação de uma inovação social inicia-se pela fase denominada **proposição**, quando um grupo de atores apresenta a ideia. A seguir, na etapa de **diagnóstico**, é realizada uma busca de informações sobre a realidade local, necessidades e anseios, que servirão para definir as especificidades do projeto **piloto**. Após a implementação do piloto, parte-se para a **difusão** da metodologia e ajustes necessários. A mudança na comunidade é decorrência da implementação e **adaptação** do projeto ao ambiente. Na sequência, há a fase **mudança** que só acontece após a adaptação, pois a inovação social não é imposta, mas construída pelos atores. Dessa forma, na medida em que o processo vai se desenvolvendo, ocorrem as adaptações necessárias e, finalmente, a mudança da comunidade.

Para melhor visualização, Santos (2012) apresenta um *framework* baseado na inovação aberta proposta por Chesbrough (2003) e no modelo *stage-gate* proposto por Cooper (2008), bem como nas fases de desenvolvimento de uma inovação proposta por Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010). Neste *framework*, cada

círculo pode ser considerado uma etapa do desenvolvimento da inovação social. Ressalta-se que as intersecções entre os círculos constituem os momentos de avaliação do projeto visando à passagem para a próxima etapa. As descontinuidades nos contornos representam a necessidade da interação do ambiente com o processo, já que a inovação social é proveniente de uma necessidade, caracterizando-a como uma inovação aberta.

Fig. 5: Etapas de Desenvolvimento da Inovação Social



Fonte: Santos (2012, p. 180)

No caso relatado, as etapas que já foram desenvolvidas são: (i) proposição, quando o velho Chico apresenta as necessidades e a ideia que tinha para melhorar a situação da comunidade, bem como quando a Pequena Casa apresenta a ideia para o grupo da universidade; (ii) diagnóstico, quando é realizada a pesquisa junto aos jovens e profissionais que trabalham com eles na Pequena Casa para compreender que elementos eram importantes constarem no sistema; e (iii) Piloto, quando a equipe técnica iniciou os testes com os envolvidos da universidade e iniciariam os testes na Pequena Casa. Nesse momento, o projeto foi interrompido e aguarda a abertura da Pequena Casa para reiniciá-lo. As demais fases serão realizadas assim que a avaliação do Piloto for finalizada. Da mesma forma, os momentos de avaliação 1 e 2 também aconteceram.

5.2 ATORES ENVOLVIDOS EM UMA INOVAÇÃO SOCIAL

A evolução do processo de inovação social é conduzida por uma contínua interação entre desenvolvedores e beneficiários. São atores que, segundo Bignetti (2011), desejam suprir as necessidades, expectativas ou aspirações da comunidade, e tendem a operar além das fronteiras entre os setores público, privado e sem fins lucrativos. A mudança pode ser visualizada, segundo Mulgan *et al.* (2007), sob três principais lentes: (i) indivíduos, (ii) movimentos sociais e (iii) organizações. Ademais, o envolvimento também pode se dar pela colaboração entre os múltiplos atores, ou seja, através de parcerias que se formam entre o governo, o setor empresarial, o terceiro setor, os indivíduos e comunidades (BIGNETTI, 2011).

Nesse sentido, Tardif e Harrison (2005) destacam quatro tipos de atores: sociais, podem ser atores da sociedade civil, do cooperativismo ou associativismo, de sindicatos ou de associações comunitárias; organizações, inclui empresas, organizações da economia social, empresas coletivas e beneficiários (*stakeholders*) das organizações privadas; instituições, abarcam as instituições governamentais e a identidade, as normas e os valores de cada ator; intermediários, chamados também de “atores híbridos”, surgem da relação entre diversos atores e resultam em novas redes sociais, por meio de alianças de cooperação ou de inovação.

Por fim, é importante ressaltar, assim como destaca Kimbell e Julier (2019), que o desenho social se desenvolve por meio da coprodução com atores sociais orientados para a mudança. Abordar questões sociais pode fornecer a motivação e os fundamentos com os quais os participantes podem trabalhar, juntos, em direção aos resultados pretendidos, ao mesmo tempo em que buscam a produção de novos conhecimentos (TORLIG *et al.*, 2021).

5.3 COLABORAÇÃO DE DIFERENTES ATORES NO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DE UMA INOVAÇÃO SOCIAL

A colaboração é apontada na literatura como uma das características essenciais para o desenvolvimento da inovação social (BIGNETTI, 2011; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). É reconhecida como um processo em que as partes trabalham em conjunto, por diferentes ângulos, exploram suas diferenças de maneira construtiva e procuram soluções que vão além da própria visão individual e limitada do que é possível, para uma solução integrada e coletiva (SANZO *et al.*, 2015). Para Murray *et al.* (2010), a inovação social ocorre por meio de produtos, serviços e modelos que simultaneamente satisfaçam necessidades sociais e criem relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade de ação da sociedade. Neumeier (2012) destaca que a inovação social não é apenas uma melhoria tangível, mas sim mudanças de atitudes, comportamentos e percepções, que resultam em uma nova forma de ação colaborativa, que leva à melhoria da qualidade de vida (GEISER; PARISOTTO; FERRARI, 2017).

Nessa linha, segundo Sanzo *et al.* (2015), para uma melhor colaboração entre os atores envolvidos em uma inovação social, é necessária a criação de espaços que permitam o diálogo, discussão e a interação entre os indivíduos, para que a colaboração floresça. São várias as formas de promover a colaboração entre os parceiros, desde simples encontro e conversas informais até reuniões e agendas com tecnologias de ponta.

De acordo com Raišiene (2012), existem alguns fatores que são determinantes para a colaboração ocorrer. Eles podem ser de três origens: (i) Macro fatores (de fora) como fatores sociais, culturais, políticos e econômicos; (ii) Meso fatores (características das organizações que integram o grupo) como filosofias, valores, estrutura de gestão e liderança; e (iii) Micro fatores (conexões e relações dos membros das equipes), como comunicação, decisões gestão, confiança, justiça, respeito mútuo e atitudes positivas.

5.4 O PAPEL E O GANHO DE CADA ATOR QUANDO PARTICIPAM DO PROJETO DE INOVAÇÃO SOCIAL

Como trazido por Medeiros *et al.* (2017), entende-se que a inovação social abrange novos arranjos sociais, organizacionais e institucionais que clamam por transformação social e pode ser subdividida em três vertentes principais, em que as iniciativas de inovação social estão relacionadas a políticas públicas, ao espírito empresarial social e ao desenvolvimento participativo (GREGOIRE, 2016). E, nesse sentido, “o papel de cada ator tem de ser reformulado para que eles se tornem uma força motriz eficaz dos progressos técnicos e sociais” (OECD, 2011, p. 14). Ainda, é importante atentar que os objetivos para a participação dos diferentes atores no projeto de inovação social são complementares (SANTOS, 2012). Dito de outro modo, cada ator decide participar de um projeto por ter objetivos que nascem da sua percepção sobre as necessidades, mas, coletivamente, os propósitos dos diferentes atores são complementares.

5.5. OS MENTORES

O mentor sempre esteve presente na história da humanidade sob formas variadas, como conselheiros, educadores, orientadores e modeladores de conduta. Desde a antiguidade, reis e nobres contratavam mentores para cuidar do aprendizado e da educação de seus protegidos. A mentoria envolve a participação de uma pessoa experiente (mentor) para ensinar e preparar outra pessoa (orientado) com menos conhecimento ou familiaridade em determinada área ou assunto (SANTOS, 2007).

Segundo García, Calles e Ávila (2012), a mentoria pode acontecer de duas formas: (i) informal e (ii) formal. Na mentoria informal, o papel de mentor é assumido voluntariamente dentro de uma relação flexível e informal, baseada no respeito e na ajuda para além das obrigações, pois normalmente não tem um ponto de partida definido ou identificável. Trata-se de uma relação baseada na confiança, no compromisso e enriquecimento mútuo. A mentoria formal, por sua vez,

constitui-se em processo planejado, sistemático e proposital desenvolvimento de pessoas dentro de uma organização. É um processo poderoso e dinâmico. Entre as características mais relevantes desse tipo de mentoria estão: (i) o estabelecimento de objetivos a serem alcançados e benefícios esperados; (ii) a duração do processo com base nos objetivos definidos; e (iii) a exigência de controle, no curto, médio prazo e monitoramento.

Antes de implementar um processo de mentoria, deve-se conhecer os princípios básicos a serem levados em consideração se quiser que os programas de mentoria funcionem adequadamente (GARCÍA; CALLES; ÁVILA, 2012): (i) voluntário: para que um programa de mentoria seja bem-sucedido, os membros devem ser voluntários e deve haver o compromisso de ambos em participar ativamente do processo; (ii) confiança: o programa funciona se você tiver um relacionamento próximo e de confiança. Isso não é conseguido espontaneamente, então, principalmente no início, o mentor terá que trabalhar muito, para tentar não terminar o relacionamento prematuramente; (iii) foco nas necessidades do mentorando: compreender quais os aspectos que mais o preocupam, e tentar apoiá-lo para superá-los é um objetivo que o mentor deve alcançar; (iv) aprendizagem prática e ativa: o mentor deve promover a aprendizagem de forma prática, partilhar novas situações em que seja desafiado na sua forma atual de compreensão da realidade; e (v) compartilhamento de experiências: o diálogo é essencial para tirar o máximo proveito das sessões de mentoria, momentos em que se deve comentar sobre as situações de sucesso e fracasso.

5.6 CURSOS DE FORMAÇÃO EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Com o desenvolvimento da internet e a popularização do uso do computador no dia a dia de toda sociedade, praticamente, surgiram diversas ferramentas para auxiliar a criação e a oferta de cursos mediados por essas tecnologias, tais como os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). De acordo com Santos (2003), um AVA refere-se ao uso de recursos digitais de comunicação, principalmente, através de softwares educacionais via Web que reúnem diversas ferramentas de interação.

Para Belmonte, Ramos e Grossi (2010), um AVA está relacionado ao desenvolvimento de condições, estratégias e intervenções de aprendizagem em um espaço virtual na web, organizado de tal forma que propicie a construção de conceitos, por meio da interação entre alunos, professores e objetos de conhecimento. Grossi e Aguiar (2010) apontam que um AVA também se caracteriza pela presença de softwares educacionais via internet destinados a apoiar as atividades de educação à distância. Estes softwares oferecem um conjunto de tecnologias de informação e comunicação, que permite desenvolver as atividades no tempo, espaço e ritmo de cada participante.

5.7 A TECNOLOGIA SOCIAL NO PROCESSO DE UMA INOVAÇÃO SOCIAL

Conforme trazido por Medeiros *et al.* (2017), tecnologia, em seu sentido mais amplo, significa a aplicação de conhecimento técnico e científico em processos e produtos, que são criados ou podem ser modificados a partir desse conhecimento. Por sua vez, o conceito de tecnologia social existe com o objetivo de apontar aquelas tecnologias cujo potencial é incluir pessoas que estão à margem da sociedade (MORAES, 2012).

As tecnologias são chamadas “sociais” quando apresentam as condições para, a partir de sua implantação em determinados contextos, melhorar a qualidade de vida. Essas soluções devem ter potencial para gerar efetivas mudanças em diversos campos, como educação, agricultura, saúde, meio ambiente e lazer. Além disso, as tecnologias sociais também devem atender aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social (MEDEIROS *et al.*, 2017). Como já apontado por Bignetti (2011), as tecnologias sociais são ferramentas para o desenvolvimento de inovação social.

6. MATERIAIS DE APOIO PARA A DISCUSSÃO

- Vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=WU71leYIVow>
- Site: <https://www.conexus.net.br>
<http://www.pequenacasa.org.br/>
<https://odsbrasil.gov.br/>
- Redes Sociais: Facebook: <https://pt-br.facebook.com/pequenacasa/> |
Instagram: ongpequenacasa | Twitter: @pequenacasa

REFERÊNCIAS

BELMONTE, Vanessa; RAMOS, Alice Fernandes Barbosa; GROSSI, M. G. R. Revisão Das Pesquisas Nacionais Sobre Ambientes Virtuais De Aprendizagem. **II Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica [Internet]**. Belo Horizonte, MG: Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, p. 1-15, 2010.

BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

CHESBROUGHT, Henry W. The era of open innovation. **MIT Sloan Management Review**, v. 4, n. 3, 2003.

COOPER, Robert G. Perspective: The stage-gate® idea-to-launch process—update, what’s new, and nexgen systems. **Journal of product innovation management**, v. 25, n. 3, p. 213-232, 2008.

GARCÍA, Miguel A. Alonso; CALLES, Ana María; ÁVILA, Carmen Sánchez. **Diseño y desarrollo de programas de mentoring en organizaciones**. Editorial Síntesis, 2012.

GEISER, Cintia Maria Gilz; PARISOTTO, Iara Regina dos Santos; FERRARI, Daniela. Projeto de Equoterapia Aliança sob a Perspectiva das Dimensões da Inovação Social. **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**, v. 41, 2017.

GREGOIRE, Maud. Exploring various approaches of social innovation: a francophone literature review and a proposal of innovation typology. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 45-71, 2016.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; AGUIAR, Sabrina Ferrei. Modelos e experiências de ambientes de aprendizagem Virtual. **Anais do II Seminário Nacional de Educação e**

Tecnologias. Belo Horizonte: CEFET, 2010.

KIMBELL, Lucy; JULIER, Guy. Confronting bureaucracies and assessing value in the co-production of social design research. **CoDesign**, v. 15, n. 1, p. 8-23, 2019.

MEDEIROS, Carolina Beltrão *et al.* Inovação social além da tecnologia social: construtos em discussão. **Race: revista de administração, contabilidade e economia**, v. 16, n. 3, p. 957-982, 2017.

MORAES, Cecília Arlene. **Representações sociais da comunidade científica brasileira sobre tecnologia social.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

MULGAN, Geoff *et al.* **Social innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated.** London: The Young Foundation, 2007.

MURRAY *et al.* **The open book of social innovation.** London: The Young Foundation, 2010.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

NEUMEIER, Stefan. Why do social innovations in rural development matter and should they be considered more seriously in rural development research? Proposal for a stronger focus on social innovations in rural development research. **Sociologia ruralis**, v. 52, n. 1, p. 48-69, 2012.

OECD. **Fostering innovation to address social challenges.** 2011.

RAIŠIENE, Agota Giedré. Sustainable development of inter-organizational relationships and social innovations. **Journal of Security and Sustainability**, v. 2. pp. 65- 76. 2012.

SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo. **O desenvolvimento da inovação social - inibidores e facilitadores do processo: o caso de um projeto piloto da ONG Parceiros Voluntários.** Tese (Doutorado em Administração) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SANTOS, Neusa Maria Bastos Fernandes. Programas de mentoring: aprendendo com a realidade canadense. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 7, n. 1, p. 251-266, 2007.

SANZO, María José *et al.* Business–nonprofit partnerships: a new form of collaboration in a corporate responsibility and social innovation context. **Service Business**, v. 9, p. 1-26, 2015.

SOUZA, Marcelo Ferreira. **A empregabilidade de jovens em vulnerabilidade social a partir do modelo bioecológico**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2020.

TARDIF, Carole; HARRISSON, Denis. **Complémentarité, convergence e transversalité**: La conceptualization de l'innovationsociale au CRISES. IN: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovation Sociales. Cahiers du CRISES. Québec, 2005.

TORLIG, Eloisa Gonçalves da Silva *et al.* Inovação social em extensão universitária: percepção dos atores envolvidos quanto às práticas cocriativas e geração de valor. **REVISTA EIXO**, v. 10, n. 1, p. 94-105, 2021.